

FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

2.º ANNO

PUBLI-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

NUMERO 80

Preços d'assignatura :

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias : — Por anno 1\$300 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

Assigna-se e vende-se em casa do sr. Joaquim José Vieira da Rocha, na rua do Souto n.º 41.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte. á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

BRAGA 24 DE SETEMBRO DE 1872

Prostrados ante o solio augusto do Grande, do Immortal, do Infalível Pontífice da Immaculada e do Vaticano, Pio IX, a Mocidade Bracarense, recebe como penhor de fé, esperança e salvação a benção que Elle lhe envia saudoso, lá do carcere, aonde o prendeu a revolução demagogica.

E' a prenda mais mimosa e mais grata ao nosso coração que o Vigario de Jesus Christo nos podia dar em recompensa dos nossos trabalhos e firme adhesão á sua Cadeira Apostolica.

Summamente jubilosos a recebemos de sua paternal mão; e ao Ceo mandamos supplicas para que se realizem os nossos votos, e jámais se apartem de nós os seus salutaes effectos.

A Juventude Bracarense mandou em Junho de 1870, aos pés de Pio IX, o Grande, o protesto, que abaixo publicamos, contra a iniqua, e sacrilega usurpação dos Estados Pontificios por Victor Manuel.

Foi entregue por uma Commissão ao Ex.º Sr. Arcebispo Primaz d'esta Archidiocese, para que Sua Excellencia lhe desse d'um modo digno o devido destino; porém não sabemos a razão porque tal protesto não chegou ás mãos do Summo Pontífice, senão muitissimo tarde, isto é, em Julho de 1872 como elle mesmo nos diz.

Dignou-se o Venerando Pontífice escrever n'elle com seu proprio punho as palavras que vão no fim. E' realmente singular este modo de proceder do magnanimo Pio IX; pois não se contentou em retribuir, por assim dizer, a nossa dedicação com letras impressas, rubricadas, quando muito, com o seu nome, escripto pelo seu proprio punho; mas elle mesmo nos reenviou o Protesto com palavras d' affecto, escriptas pela sua mão.

São mais gloriosos estes titulos com que nos honra o Grande Chefe da Religião Catholica, o Grande Monarcha de Roma, do que as variadas insignias com que o liberalismo nos poderia condecorar, se nós, por desgraça, militassemos em seu favor, sacrificando aos seus idolos.

O Protesto veio remetido ao primeiro signatario.

Eil-o

SANCTISSIMO PADRE

Prostrados em espirito aos Vossos pés, vimos hoje com o coração inundado de

alegria, dar-Vos um publico e solemne testemunho de amor e dedicação para com a Vossa Augusta Pessoa, de obediencia e submissão a essa Cadeira Apostolica, e aos Vossos infalíveis Oraculos, de adhesão e firme crença a tudo o que fôr defendido pelo Sacrosanto e Ecumenico Concilio do Vaticano por Vós convocado, como unico remedio para os grandes males que affligem a Igreja e opprimem a sociedade.

SANTISSIMO PADRE! Ainda jovens filhos d'esta nobre cidade que Vos é tão dedicada, nascidos n'esta boa terra, berço de tantos heroes que sellaram com seu sangue a fé de Christo, nós bendizemos a misericordia do Senhor que nos inspirou os sentimentos que ora Vos testemunhamos, com o coração nas mãos e a alma nos labios.

Bendizemos a bondade e providencia do Senhor, que nos tempos calamitosos porque vamos passando, concedeu á Igreja um Pontífice tão magnanimo, e a nós um Pae tão bondoso.

Esse Pontífice, esse Pae, sois Vós ó grande Pio!

Anjo de paz, iris de bonança, defensor intrepido da verdade e da justiça, nós Vos amamos com entranhavel affecto, ó bondosissimo Pio IX!

Vós sois, o Vigario de Jesus Christo sobre a terra, o Doutor infalível da Igreja Universal, o Pae amoroso de duzentos milhões de catholicos!

Nosso Pae! Aceitae os vivos affectos do nosso amor!

Oh! que ditosa seria a nossa morte, se o ceo nos concedera a ventura de morrer em defeza da Vossa Pessoa, e dos Vossos direitos!?

Vós sois o fundamento inabalavel da Igreja contra a qual jámais prevalecerão as portas do inferno; e por isso nós crêmos tudo quanto nos ensinardes, e reprovamos de todo o nosso coração tudo o que Vós reprovardes. Sois a nossa luz; alumiaenos! Sois a nossa estrella; indicae-nos o porto de salvamento! Sois o nosso mestre infalível; ensinae-nos!

Nós cremos que o Sacrosanto e Ecumenico Concilio do Vaticano, é guiado e esclarecido pelo Espirito Santo, que segundo a indefectivel promessa de Jesus Christo assiste e assistirá á sua Igreja até á consummação dos seculos, e por isso desde já adherimos de todo o nosso coração ás suas infalíveis decisões.

Por ultimo nós Vos supplicamos, que lanceis a Vossa benção sobre este nosso Portugal que ainda se gloria com o seu ti-

tulo de Fidelissimo; sobre esta nobre cidade que Vos é tão dedicada; sobre nós que vos consagramos acrisolado amor, sobre nossa familia que nos ensinaram a amar-Vos.

Abençoe-nos! e com a vossa benção seremos felizes.

Que o Senhor dilate a Vossa preciosissima vida, que apresse o triumpho da Santa Igreja, que Maria Immaculada enxugue as lagrimas que filhos ingratos Vos tem feito derramar!

São estes Santissimo Padre os ardentos votos e sinceros desejos dos

Vossos filhos dedicados e que por Vós dariam a vida

Braga 29 d'Abril de 1870.

(Seguem-se 365 assignaturas).

Pio IX escreveu n'este protesto, como em resposta, o seguinte:

Die 13 Julii 1872.

Sero libellus pervenit; sed cito benedico vin in nomine Domini, et rogo ipsum Dominum, ut det vobis spiritum gratiae et precum nunc et semper.

Pius Papa IX.

DIA 13 DE JULHO DE 1872.

Tarde chegou o protesto; mas cedo vos abençoei em nome do Senhor, e ao mesmo Senhor eu rogo que vos dê o espirito da graça e da oração, agora e sempre.

Pio IX.

Póde o Papa sair de Roma?

A respeito d'esta questão hoje tão debatida pela imprensa da Europa traz o «Univers» de 14 do corrente o seguinte artigo, digno de transcrever-se.

«Os que pasmam da constancia invencível e da sublime serenidade do Vigario de Jesus Christo captivo no Vaticano preferem as injurias e affrontar o martyrio, a desampararem o povo fiel que soffre com elle, ignoram por certo esses taes, que força sobrenatural dá aos opprimidos a fé nas promessas que não enganam. Esta fé profunda, sempre confirmada pelos factos, na historia da Igreja, eis o se-

gredo da resignação de Pio IV morrendo em Valence.

Esta mesma fé amparava e consolava Pio VII na sua heroica resistencia ao usurpador sacrilego, que o mandou arrancar de Roma por um dos seus generaes e que o encerrou em aspero captiveiro até Aquelle que proferiu as palavras: *Non praevalerunt*, interveiu e fez cair as armas das mãos dos soldados de Napoleão.

E hoje é a mesma fé profunda que anima Pio IX espoliado, insultado na sua prisão do Vaticano. E quem póde duvidar que n'estas dolorosas provações o não visite o grande vulto de Pio VII, inspirando e consolando o actual Pontífice e mostrando-lhe, para além do tempo da perseguição, o surgir da aurora do dia do triumpho? Como nos dias de Pio VII (notáveis coincidencias!) depois de ver derrotadas as suas tropas, invadido e manchado o Quirinal, destruidas as ordens religiosas, o Soberano Pontífice, prisioneiro em seu proprio palacio, está entregue sem defeza ás desenfreadas paixões do odio e da impiedade, a todos os empreendimentos da força bruta e da ambição, para a qual não são cousas sagradas o direito, a justiça nem a virtude.

Mas assim como no tempo de Pio VII o Papa teve occasião de ver os testemunhos mais consoladores de amor e de fidelidade da parte do seu povo e do catholicismo inteiro: admiravel espectáculo e que obrigava um personagem russo que o presenciava a exclamar:

«Vejo n'esta capital dois governos inteiramente oppostos: um maneja os meios de constranger o povo á obediencia: prisões, fortalezas, aprestos de guerra, e entretanto forçado sempre a usar da força para que se executassem as suas ordens; o outro prisioneiro em um palacio, invadido por tropas inimigas, podendo apenas manifestar a sua vontade por breves notas, e no entretanto achando sempre no povo a submissão mais espontanea e mais perfeita.»

Sim, estes romanos, inimigos por natureza de qualquer oppressão, quanto mais pesada viam a mão do usurpador sobre o Santo Padre, tanto mais se esforçavam em dar ao seu legitimo Soberano signaes evidentes da sua fidelidade, da sua filial submissão e da sua inalteravel adhesão. Ainda aqui não cessam as analogias que existem entre Pio VII e Pio IX.

«Durante os 18 mezes da sua prisão em Fontainebleau, nunca o Papa Pio VII saiu dos seus aposentos, diz o cardeal

Pana; ostentava d'esta maneira o duro captiveiro em que jazia.»

Tambem Pio IX attesta o mesmo captiveiro que está soffrendo. As basilicas de Roma, os estabelecimentos de caridade, as pobres habitações Transteverinas já não veem a presença do Santo Padre, e é por isso que a cidade Eterna se julga orphã e reclama o seu Pastor.

Mas é principalmente aos que lhe aconselham que saia de Roma e que fuja á perseguição, que Pio IX póde mostrar o exemplo do seu antecessor. «Não desampararei a Santa Sé, senão quando a força me arrancar d'ella.» dizia Pio VII. E' tambem esta resposta do illustre prisioneiro do Vaticano.

«Bastarão algumas reflexões. diz o primeiro ministro de Pio VII, para dar a conhecer a sabedoria d'esta resolução.» Escreve elle:

«A historia apresenta-nos copiosos exemplos de muitos Pontífices que deixaram a Santa Sé, e foram para paizes estrangeiros. Mas as circunstancias eram outras. Os Papas saíam de Roma ou para fugirem á furia do povo romano, bem differente do dos nossos dias. tão bom, tão fiel e affeiçãoado aos seus soberanos, e para implorarem o auxilio contra os lombardos e contra a prepotencia dos Grandes de Roma; mas estes Papas recolhiam-se em casa de principes dedicados á Santa Sé, prestes sempre a abrir-lhes os braços, e estavam certos que a sua poderosa intervenção os havia de rehabilitar quanto antes nos seus direitos.»

«Mas qual era a potencia catholica, qual o soberano dedicado á Santa Sé que podia restituir o throno a Pio VII e reintegrar-o no governo da Igreja universal? (Que potencia ou que soberano poderia hoje tambem restabelecer Pio IX?) O Pontífice (como Pio IX na epocha em que vivemos) só finha em frente uma cruel alternativa: era mister, ou abandonar o continente europeu, centro do catholicismo, e separar-se assim, talvez por muito tempo ou quiçá para sempre, do seu querido povo; ou ir procurar algum abrigo em alguma ilhota visinha da Italia cujos soberanos vacilam sobre os seus thronos abalados, e d'onde não poderia comunicar com Roma nem com o resto da Europa.

Portanto abandonando o Papa a Santa Sé não podia ter outra cousa em vista senão a segurança pessoal; ora este motivo não era terminante nem glorioso para um vigario de Jesus Christo, qui de-

48 BIOGRAPHIA DO

O reconhecimento publico deu o nome d'este destemido general á caverna—testimunia da sua resistencia heroica.

Continuamos a descer o Danubis até Neu-Orsova, que é uma das fortalezas, que os Turcos conservaram, depois da paz de 1739, nas provincias nas quaes lhes ficou apenas vão simulacro do seu antigo dominio.

O pacha mandou saudar o principe com salvas d'artilharia, e veio ao encontro d'elle acompanhado por um iman, desendente de Mahomet e vestido pura e absolutamente á turca. As proximidades do palacio do pacha estavam inundadas, por cuja circumstancia nos foi preciso passar em taboões moventes, cuja agitação desordenava o equilibrio e gravidade do cortejo; contudo chegamos á sala das recepções sem trapeço. Ali se renovou a cerimonia de Belgrado; guardas de saude, cachimbos, sorvetes, café, tudo ali se encontrou; porém melhor e offerecido com mais graça tudo, porque o pacha é tido entre os turcos como um homem progressista e delicadissimo: foi coronel d'artilharia, cujo uniforme ainda usa.

Novo ainda e dotado d'um caracter marcial e bastante expressivo o pacha recordou-me, por uma similhaça em verdade extraordinaria, o marechal Marmont tal, como eu o conheci, em 1811 commandando o nosso exercito d'ocupação em Portugal reorganizado pelos seus cuidados. O pacha sustentou a conversa com tanto espirito, quanta conveniencia.

Havia commandado, no tempo da nos-

sa expedição á Grecia, a artilheria do castello da Moréa. O duque de Lévis, então coronel do quinquagesimo quarto regimento de linha, estava em frente d'esse posto com o seu regimento; deu este facto materia para aconver sação.

Percorremos a cidade, se tal nome se lhe póde dar com propriedade, porque Neu-Orsova não é em verdade mais que uma pequena aldeia. A mesquita, á qual o pacha nos conduziu, acabava de soffrer uma grande innovação: pois n'ella havia mandado construir tribunas para as mulheres, até então excluidas das orações publicas.

Por isto se vê, que o coronel era um reformador entendido e de bom gosto; a sua tolerancia para conosco foi tal, que deixou sem purificação os vestigios christãos dos nossos passos.

Ao sair da mesquita voltamos á praia para embarcar, sem contarmos com o nosso hospede. Detraz de nós vinha um comboi de cadeiras, que alguns soldados, possuidores do segredo da surpresa, que se nos fazia, collocaram symetricamente na praia. O pacha pediu graciosamente ao principe, que se sentasse e ouvisse os sons harmoniosos da sua musica militar. Assentamo-nos portanto attentos e recolhidos.

Dous tambores e pífano appareceram então cheios d'uma modestia, na qual suspeitei alguma affectação; depois de terem afinado os instrumentos n'um harmonioso preludio, os nossos artistas cedendo ás suas poeticas inspirações principiaram com um

52 BIOGRAPHIA DO

dencia, se divertissem os dansarinos á seu bel prazer; e n'este intento incorreu com a sua bolsa para as despesas do baile do resto do dia, com o que deixou a juventude de Orsova satisfeitissima da sua vizita.

As cinco horas da tarde chegamos a Méhadia, intitulada pelos romanos — os banhos de Hercules. Esta linda cidade, situada nas extremidades da fronteira austriaca, n'um valle cingido por montanhas agrestes, apenas possui, a dizer a verdade, uma unica rua, ou melhor, uma comprida praça, em forma de parallelogramma, cercada por lindas casas e excellentes hospedarias.

A administração regimental nada tem poupado para attrahir visitantes e habitantes a Méhadia; uma linda igreja, um excellentes restaurante e commodas habitações foram em poucos annos edificadas; e na occasião da nossa viagem lançavam-se os alicerces d'uma nova hospedaria para corresponder á fama, que esta cidade goza.

Quando o principe passou, estavam todos os habitantes ás janelas de suas casas. O commandante general, que tinha vindo de Témoswar, apresentou-lhe os officiaes, que o augusto viajante convidou a cearem, bem como o conde d'Auesperg. A ceia foi servida no salão principal do restaurante. Foi isto uma novidade para Henrique de França, e uma boa fortuna para o estalejeador, porque todas as mezas d'esta extensa sala estiveram sempre cheias durante a ceia do principe.

No seguinte dia visitamos os diversos es-

CONDE DE CHAMBORD 43

principe obrigado a passar pelo passeio publico, onde a banda marcial e um bellissimo tempo attrahiram muita gente. Apenas elle porém appareceu, foi reconhecido: recebeu, por este facto, numerosos testemunhos de sympathy e de respeito.

A Hungria militar. — Orsova. — Os banhos de Méhadia. — Clabourg — Hermanstadt.

Antes de chegarmos a Karensébés, lugar-tenencia do districto regimental da fronteira valaca, passamos em Lugos, cidade commercial do condado de Kaschau. A uma legua de Karensébés encontramos um piquete de soldados enviados ao encontro do principe pelo coronel Roth para lhe servirem d'escolta. Estes cavalheiros montados em pequenos cavallos, como os cossacos, tinham um aspecto estravagante; vestiam calças brancas com presilha, alpercatas acorthurnadas, uma barretina de pelle d'urso com um penacho vermelho, uma pequena capa fluctuante, muitas pistolas, dous punhaes, um sabre e uma espingarda: faltava-lhes só a lança para serem um arsenal vivo. Em Karensébés encontrou o principe a tropa de baixo d'armas.

Este regimento perfectamente equipados possui como os demais uma eschola regimental; nenhum outro porém ha, que seja instruido e governado com mais cuidado e intelligencia. Na cidade construíram-se excellentes edificios militares, por de cima d'um dos quaes se edificou um observato-

dit animam pro ovibus suis, nem para um soberano Pontífice cujas acusações sempre devem ser grandiosas e magnanimas, e testemunhar que elle deveria estar prestes a sacrificar-se pelo bem publico e pelos interesses da Igreja...

«Emfim, se a Igreja não condemnou o proceder dos pastores e dos prelados que fugiram para se livrarem das perseguições, entretanto cumulo de elogios os que tiveram a coragem de expôr a vida a troco de ficarem no meio do seu rebanho; e o proceder dos Thomás de Cantorbéry, dos Stanislaus de Cracovia e de outros santos que veneramos nos altares, prova-nos que se deve seguir o conselho que dá Tertulliano n'estas celebres palavras: «Pulchrior est miles in pugna proelio omissus, quam in fuga salvus.» O que é certissimo, é que, no tempo da minha nunciatura em Lisboa, os proprios protestantes d'esta cidade não podiam calar a sua admiração pela firmeza e coragem de Pio VI, que preferiu expôr-se a um duro captivo e ver-se arrancar á força da Santa Sé, a desamparar o seu povo, quando viu que as tropas inimigas se aproximavam de Roma.

«Quanto ao mais, o procedimento de Pio VII não carece hoje de apoloias, e a sabia resolução d'este Pontífice de não abandonar o sublime posto em que a Providencia o collocára, passará á posteridade como uma prova irrefragavel da sua grandeza d'alma da generosa abnegação de si proprio, e finalmente da justiça da sua causa.»

O proceder de Pio IX tambem não carece de apoloia. O Papa conserva-se em Roma onde é sempre o unico e verdadeiro rei, rei opprimido é verdade, mas rei glorioso, mas com essa gloria incomparavel que cabe á velhice, á virtude e á santidade perseguidas; rei triumphante, atrevemo-nos a dizer, com o triumpho que a Igreja reivindica e que Montesquieu comprehendeu quando disse: «A prosperidade da Igreja é diferente da dos imperios; as humilhações da Igreja, a sua dispersão, a destruição dos seus templos, os soffrimentos dos seus martyres são o tempo da sua gloria; e quando, á face do mundo parece que ella está triumphante, então é esse o tempo ordinario do seu abatimento.»

Sim, o Papado viverá em Roma até ao fim dos tempos, ao passo que um novo Lactancio, acrescentando mais um capitulo á historia do desgraçado fim dos perseguidores da Igreja, julgará aos nomes de Berthier de Saliceti, de Morat e de Napoleão os de Bismark, os de Victor Manoel e de todos os que, na douda e enérgica phrase do conde de Maistre: «Tem comido o que é do Papa e d'isso morreram.»

A. de Bals de Cugna.

Commemoração do dia 19 pelos Legitimistas Bracarense.

Eram duas horas e meia da tarde quando, n'uma grande, e sumptuosamente adornada, sala da casa das Hortas, se dava principio a um esplendido jantar onde as iguarias á portugueza quadravam com o fim patriótico de 46 convidados que alli se reuniram para festejar o decimo-nono anniversario natalicio do Senhor D. Miguel II, acon-

tecimento tão cheio d'auspicios e tão fecundo de esperanças para os verdadeiros portuguezes

Presidia o Illm.º e Exm.º snr. Manuel de Magalhães Araujo Pimentel, cavalheiro mui distincto pela sua fidalguia e qualidades civicas.

Além do redactor do nosso jornal e Presidente da juventude legitimista Bracarense, o Revd.º Manoel Ferreira Marnoco e Souza, estava o dignissimo redactor das «Novidades» o Illm.º e Exm.º Snr. Doutor Francisco Candido Mendoga e Mello.

Tambem se achava alli o Revm.º Snr. Conego Aguiar, de Barcellos, o qual na occasião dos brindes, fez uma saude ao grande Pio IX, e outra a D. Carlos VII e seu augusto irmão D. Alfonso, brindes que foram, como todos os outros que alli se fizeram, entusiasticamente correspondidos.

O Exm.º Snr. Presidente brindou á saude do Senhor D. Miguel II que foi freneticamente correspondido por todos os convivas; o Exm.º Snr. Dr. Francisco Candido á saude da illustre Viuva do Senhor D. Miguel I e á Senhora D. Maria des Neves; o redactor do nosso jornal, depois de haver lido a felicitação do Santissimo Padre, que vae no primeiro logar d'este jornal, brindou á saude e triumpho proximo do immortal Pio IX, e depois de haver lido as escusas tambem fundamentadas de alguns cavalheiros convidados, entre os quaes se notou o Illm.º e Exm.º Snr. Antonio Pereira da Cunha, distincto escriptor, exímio litterato, e inextinguivel poeta, propoz uma saude a todos estes cavalheiros illusterrimos, bem como outras, aos campeões da legitimidade, «Nação», «Direito», «Novidades» etc, o que tudo foi calorosamente correspondido.

Representou, depois, a Mocidade Legitimista Bracarense, proferindo algumas palavras cheias de energia, repassadas de paços sentimentos e enérgico protesto contra os jornaes que diariamente insultam a memoria d'um Rei que preferiu a pobreza e a humilhação á realza conspurcada, aos principios vilipendiados.

Era um nunca acabar se fossemos a descrever o que lá se passou; tudo era deslumbrante desde o adorno das salas, o banquete bem servido, até ás expansões de pura alegria.

São dignos dos maiores elogios a Mocidade legitimista Bracarense e alguns cavalheiros legitimistas respeitaveis, assás conhecidos pelos seus bons sentimentos e leaes affectos; pois não se pouparam a nada para que fosse digna do Augusto Representante da Monarchia tradicional, a manifestação dos sentimentos dos Legitimistas Bracarense.

Salve dia 19 de Setembro de 1872! Tu ficarás escripto em nossa memoria, gravado em nosso coração; e jámais o poderam apagar a lima do tempo ou o golpe do erro ou as aguas da contradição e adversidade!

Nós te saudamos, porque nos sorriste tão cheio de vida e d'esperanças! Que estas se troquem pela realidade benéfica, como a esperança desaparece ás portas do Ceo diante do gozo do Summo Bem!

«Tu ficarás escripto em nossa memoria, gravado em nosso coração; e jámais o poderam apagar a lima do tempo ou o golpe do erro ou as aguas da contradição e adversidade!»

Nós te saudamos, porque nos sorriste tão cheio de vida e d'esperanças! Que estas se troquem pela realidade benéfica, como a esperança desaparece ás portas do Ceo diante do gozo do Summo Bem!

Porque são perseguidos os jesuitas?

Secunds dieux sur la terre, les ministres du ciel sont à l'etre moral ce que les rois sont à l'etre physique et intellectuel... (Broc-Essai sur les raç. hum.)

O seculo XIX, seculo chamado das luzes e do progresso, está cheio de escriptores, que se occupam em injuriar o seu Creator e os sacerdotes seus ministros

Uns, porque não acreditam que ha uma vida futura, na qual se hade premiar a virtude e punir o vicio, para não acharem obstaculos á satisfação das suas paixões, e desviarem de si a ideia d'um castigo severo além do tumulo; e a estes se chama theus e materialistas.

Outros, porque para isso são impellidos, ou pelas associações secretas a que pertencem, ou porque finalmente n'isso encontram certos interesses, conhecendo todavia que atacam a boa causa, e os melhores institutos; e a estes se dá o nome de mercenarios e epicuristas.

Os primeiros fazem-o por ignorancia, os ultimos por condescendencia.

Confesso, que, censurando os escriptores irreligiosos, o os detractores dos jesuitas, tenho a triste certeza de nada valer a minha censura, em comparação da torrente devastadora, que a impiedade levanta em objecto de moda.

Que poder tem os meus esforços para quebrar as genas impias ou as imprensas que se tornam suas cúmplices? Não importa: não convem que apesar da humildade da minha voz, a religião se calle diante da audaciosa impiedade, que tanto dilacera o meu coração, e que a imprensa religiosa retroceda diante do sophista ou do espirito illuminado.

Pelo menos despertaremos o zelo dos paes de familia; dos mestres publicos e particulares; e advertiremos a mocidade impudente.

Uns e outros, quer por convicção, quer por interesse, atacam os ministros da religião, e o fim é bem conhecido; destruindo-se os alicerces, está irremediavelmente destruido tudo que sobre elles se apoia; tirando-se a auctoridade aos sacerdotes, e o seu poder moral, baqueia a igreja; rompem-se todos os diques da moral; e desatando-se todos os vinculos sociaes, a humanidade é lançada nos disparates do protestantismo, e por fim sepultar-se-ha no abysmo dos pagãos.

Desgraçados!... Estão cegos á luz da fé!... não sabem que a sentença lhes está lavrada pelo dedo de Deus —... tuncet caro... ei oculi ejus contabescunt in firmamini suis et lingua eorum... Zacc 14—12.

Bem sei que não aproveita esta doutrina em abstracto; mas se me pedem exemplos no mundo concreto, vejam como viveram, e acabaram os dous Herodes, Grande e Agrippa, e depois d'elles Maximiano, Juliano Apostata e outros...

Gueream os sacerdotes, e como d'entre estes os que mais os prejudicam são os jesuitas, a estes, com toda a sua força e vigor, dirigem seus tiros.

São os jesuitas sem duvida alguma, os que constituem a columna mais forte da igreja, do Papa e da defenza da religião christã, e como são os mais poderosos pela sua sciencia e virtude, são por isso os

mais atacados pelos filhos do diabo; — vi-ris filiis diaboli — como disse David.

Atacam os jesuitas, porque em toda a parte onde a religião catholica é ameaçada, elles se apresentam com as armas em punho, quaes são a palavra e o exemplo, para não deixarem nem um dos cordeiros do seu rebanho perder-se; nem a variedade dos climas, nem a intemperie das estações, nem a fome, nem a sede lhes servem de obstaculos para conservar a uns na fé que professam, e converter a outros ao caminho da salvação.

A historia nos fornece exemplos para provar, que n'estes homens ha uma convicção profunda, um trabalho aturdissimo, um supremo desprezo dos tormentos, que assombra ainda os mais barbaros povos do mundo; pois que ainda mesmo que sejam estrangulados, algodados, esfolados em vida, esquartejados, o seu ardor do proselytismo nunca os desanimou.

Quem, senão os jesuitas, defenderem o catholicismo contra Henrique VIII, pedante sanguinario?

Quem levou a palavra divina, e a civilização á America, á India, á China, aos gelados desertos da Syberia, ás ardentes solidões da California?

E' por isto mesmo, que os jesuitas são perseguidos, pois que elles foram sempre o terror dos impios, o objecto da admiração do mundo e da humanidade inteira.

Por toda a parte por onde passam os filhos de Loyola, ficam gigantescos monumentos de riqueza, de civilização e de piedade.

Mas passemos a retractar, quem são os seus perseguidores, e o beneficio que d'elles pôde esperar a sociedade humana

Os perseguidores da religião, são os libertas e libertinos, que não querem conhecer jugo em materia religiosa e civil.

Em nada me occuparei da sua vida privada; não quero saber se a libertinagem do seu espirito teve a sua origem na do seu coração; nada me importam os sentimentos impios, em quanto encerrados em sua alma; mas sómente da sua manifestação publica; e a este respeito, eu os accuso de terem commettido o maior crime.

Sem duvida nenhuma, o assassinato e o roubo são crimes, que a justiça humana, pune com todo o rigor; mas, notemos bem que, o assassinato pôde ser limitado a um, dous, tres, ou mais individuos; o roubo pôde limitar-se á fortuna d'algumas familias, sendo certo que estes damos tem uma área muito limitada e definida, comparados com os enormes e infinitos estragos, que os apóstolos da impiedade provocam no mundo.

Muitas e muitas almas serão perdidas e condemnadas na vida futura ao inferno, por se deixarem seduzir pelas doutrinas da impiedade; e é por causa d'ellas, pelas suas suggestões e enganões, que se tem corrompido geralmente os costumes, levando a pobreza e a devassidão a toda a parte.

E' á impiedade que se deve o homicidio, o suicidio e o regicidio, applaudido e aconselhado pelos impios, dando estas ideias a beber á mocidade, na taça dourada dos romances.

E' aos escriptores impios que se devem tambem as guerras religiosas, que tem assolado a Europa, ha mais de tres seculos.

Foram ainda os inimigos da igreja catholica, e os mesmos que prégavam e gritavam contra os jesuitas, que prepararam

os horrores que cobriram a França de Mar-rat e Robespierre.

Foram tambem as ideias dos inimigos da religião que trouxeram o açoite de Napoleão Bonaparte, que encheu uma grande parte da Europa de fogo e de sangue; cobrindo-a de ossadas humanas.

Ao abrir-se-me os olhos, á luz dos conhecimentos humanos, tem sido nos meus poucos dias, um objecto de grande admiração esta guerra que se faz a Deus, á sua igreja, e aos seus ministros; d'aqui me tem nascido o desejo de indagar a causa d'esta desordem; tenho ido procurar na historia do passado, o que isto foi, o que é, e o que hade ser.

De tudo quanto tenho colhido, concluo que são mais dignos de lastima, do que de outra cousa, os inimigos da religião.

Na verdade tenho achado a este respeito taes e tão vergonhosas extravagancias em muitos homens, que me tem feito horrorisar.

Vou deixar, por mim, fallar um escriptor moderno, para fazer uma pintura de quem são os inimigos da religião, que tanto declamam contra os jesuitas.

«A convenção nacional (diz elle) deixando-se conduzir pelas paixões tumultuosas dos clubs, e da população cega de Paris correu de abysmo em abysmo, chegando o delirio a ponto de querer aniquillar impiamente a religião, assim como tinha destruido o antigo systema de governo.»

«Ella decretou que a Sé de Paris, denominada igreja de Nossa Senhora seria consagrada á Razão, e determinou uma festa a que assistiram todas as corporações de Paris.»

«Uma rapariga, bella e bem feita, representando a Liberdade foi conduzida a esta igreja para a celebração da Razão e da Liberdade!...»

(Hist. da revol. franc. tomo 2.º)

Quem não admira este quadro pavoroso em 1793!

Pois bem: a internacional em Paris fez a mesma cousa, ou ainda mais em 1871. São sempre os mesmos!...

De tudo quanto fica demonstrado, se pôde ver que todos os escriptores publicos, que se occupam em desseminalar ideias contra a religião catholica, e seus ministros são mais criminosos que todos os criminosos do universo; ao passo que os ministros da religião que elles atacam com o nome de jesuitas são.

Secunds dieux sur la terre.....

A. P.

REVISTA ESTRANGEIRA

Abriam-se as côrtes hispanholas; e os dous discursos, um de Ulloa, que parece ser conservador, e outro de Zorrilla em resposta áquelle, são por certo, dous documentos importantissimos que bem manifestam á Europa o quanto está apodrecida a monarchia saboyana e o quanto está destituido de liberdade, independencia e bem estar o povo hispanhol. Mostram-n'o de sobejo as reciprocas acusações que ambos fizeram; aquelle censurando este pelo modo despota como se houvera nas eleições, este, querendo pagar-lhe na mesma moeda, imputa áquelle iguaes respon-

rio para o director da escola e para os estudantes.

Karensbès tambem faz parte do condado de Kaschau. Esta cidade está, como Lugos, situada sobre o Temes, por cujo facto tem um commercio importante. E' a lugartenencia do districto mais populoso das fronteiras. O coronel Roth, commandante do regimento d'este districto, pediu ao conde de Chambord licença para o acompanhar na viagem pelas cidades do seu commando, que é muito extenso: o principe agradeceu com prazer este pedido, d'um official, cuja excellente reputação lhe era, ha muito, conhecida. No seguinte dia partimos para Orsova, onde tornamos a ver o Danubio. Este pittoresco rio acabava de ser o theatre e a causa d'um tristissimo successo; o barco a vapor de Constantinopla ancorava na Porta de Ferro, onde os obstaculos á navegação obrigavam os passageiros a desembarque, e a entrar logo acima, depois de percorrerem uma boa estrada ha pouco construida, n'um outro barco, que subia o Danubio até Pesh.

Quatorze individuos quizeram fazer esta jornada até Drinkova n'um barco puzado a bois: um pouco antes porém de chegar ao seu destino, quebrou-se a corda, voltou-se o barco e tres pessoas unicamente escaparam á morte depois d'inauditos esforços. Haviam-se já passado quatro dias, depois que os naufragos estavam no lasareto, quando chegamos a Orsova: o principe quiz vel-os e

dro, proprio, é muito, para actuar na imaginação.

Depois de deixar-mos o pacha dirigimo-nos para a Porta de Ferro, onde encontramos o primeiro posto valaco: o official, que o commandava, dirigiu-se ao encontro do principe, a quem pediu, em francez correcto, que lhe desse a honra de passar revista á tropa, que commandava.

Na Valachia todas as pessoas bem educadas fallam a idioma francez e estudam a nossa historia. Se o principe possede ter ido a Bucharest, teria sido recebido como em Temeswar e pelas mesmas cousas.

Este posto militar deu-nos uma ideia favoravel das tropas do principado. Tanto os soldados valacos como os servios, tomaram por modelo os russos; o equipamento, a conservação e a propria instrução, demonstram em tudo a influencia e a protecção d'este poderoso imperio.

Deviamos ir prenoitar em Méhadia. Emquanto porém se atrelavam ás segas os cavallos, o coronel Roth fez-nos espectadores d'uma dansa valaca. Um cento de mancebos e raparigas executaram primeiro em circulo e depois em pares com passos e voltas complicadissimas, uma dansa, cujas figuras e a propria musica similham as canções e bailes bretões. Durou o bailado meia hora, tempo sufficiente para formar-mos ideia da dansa valaca, e pouco para os dansarinos, que essa ostentação do commando tinha posto em agitação. O principe quiz tambem, que, depois de terem dansado por ob-

inemitavel acorde um concerto, cujas agudas notas fizeram gemer os echos visinhos, e desgraçadamente os nossos ouvidos, que mais visinhos estavam. Todavia eram na sua arte excellentes os tambores, e o pifano tinha tambem seu merecimento. Cançados todos um de soprar e os outros de baquetear, foi-lhes forçoso dar fim aos nossos prazeres. O pacha entendeu, que tinham tocado perfeitamente, e exaltou-os muito lisongeando com finura o nosso orgulho nacional; porque os tres artistas, que acabavam de ouvir eram ensinados por um tambor-mór francez.

No fim do concerto reapareceram os cachimbos, os sorvetes e o café; emba-deirou-se o forte, salvou de novo a artilheria: finalmente não faltou cousa alguma á recepção; que nos fez o pacha.

N'estas pittorescas praias d'uma ilha de Danubio pertencendo simultaneamente á Hungria, á Servia e á Valachia um lindo sol de junho allumiava n'essa occasião uma scena em verdade interessante. D'um lado o descendente primogenito de S. Luiz representando a civilização; do outro um descendente de Mahomet representando uma barba-rie semivencida; alem d'isto grupos de francezes, d'austriacos, de turcos, de Valacos, de servios e de hungaros, cada um com o seu traje nacional; em redor, montanhas magostasas banhadas por um formoso rio reproduzindo no seu correr impetuoso o ruidoso truar da artilheria. Faltou só um pintor para reproduzir na tella este qua-

provar-lhes o interesse que tomava na sua situação.

Os tres naufragos de Drinkova vieram receber o conde de Chambord á porta do pequeno corredor, que precedia os seus aposentos; era um d'elles hispanhol: todos se mostraram commovidos com as consoladoras palavras do principe e com os offerecimentos, que lhes fez. Estava ali tambem um artista parisiense, que, segundo disse, voltava d'uma viagem de recreio a Constantinopla. Logo que viu o conde de Chambord disse-lhe, «Senhor duque, ha muito tempo, que os desejava ver, e sou feliz por vos ter encontrado. Como passa a senhora vossa mãe? Diz-se, que marchais para Méhadia, eu tambem para lá vou, e, se m'o permitis, irei procurar-vos». O compromisso era original, mas o principe, respondeu-lhe com a mesma originalidade.

«O meu patricio tem uma linguagem sui generis, nos disse o principe; esta linguagem porém expressa claramente um benevolo sentimento, que me causou um verdadeiro prazer». Valeu este encontro ao parisiense uma grande recommendação, que o principe fez ao director do lazareto.

A tres leguas a oeste da cidade, occultase entre sarças a entrada d'uma caverna aberta no flanco d'uma escarpada montanha. Esta caverna, por debaixo da qual corre o Danubio, é celebre factos do paiz. Foi ali, que o general Vétérani, valente como Léonidas, porém mais feliz que o seu modelo, deteve o exercito turco.

sabilidades, como caudillo que é do ministério Sagasta: e sobretudo o grave acontecimento que «El Tiempo» põe ao conhecimento de seus leitores, que é nada mais e nada menos que a demissão pedida por todos os officiaes do ministério da guerra, tendo á sua frente o subsecretario, pelo facto de um d'elles ser insultado por um general que tinha empenho em que recenrasse em serviço um commandante suspenso.

E, enquanto o governo offerece taes espectáculos, vae-se adornando o partido carlista com os louros immarcesciveis colhidos no campo de Marte. Jornaes de todas as cores politicas noticiam dous combates, um dado por Saballs contra Font de Mora e outro por Castell contra Massas. O primeiro deu-se em Villadran, o segundo em Yallebre. Em ambos ficaram vencedores os carlistas. Eis aqui a participação official feita pelo intrepido general Saballs ao Augusto Irmão do Duque de Madrid, D. Alfonso de Bourbon:

«SENHOR.

Tenho a honrosa satisfação de participar a V. A. que sabbado, dia 14 do corrente, vi-me obrigado a travar lucta em Anglés, contra a columna amadeista Font de Mora, composta d'um batalhão do regimento de infantaria da America, numero 14, e de outro de Bailén, numero 24.

Foi renhido d'ambos os lados o combate.

Principiou á uma hora da tarde e durou até ao anoitecer: o inimigo occupava a linha de uns dous kilometros e, não podendo resistir ao fogo violento de nossos bisarros voluntarios, dispersou-se por toda a columna, encerrando-se na povoação de Anglés e nas casas immediatas até cujas portas foram accossados pelas tropas de meu commando.

São consideraveis as perdas do inimigo.

Examinada uma parte do campo de batalha encontrou-se 13 mortos; os feridos devem ser muitos a julgar pelos muitos vehiculos que pediram para levar-os para Gerona; entre elles conta-se o ajudante do regimento de Bailén, o qual cahiu mortalmente ferido. Ajuntaram-se oito fusis, muitas munições e ficou prisioneiro um soldado.

As nossas perdas são: um voluntario morto e 10 feridos; d'estes só um está gravemente ferido. Tambem foi morto o cavallo montado pelo tenente-coronel D. Poncio Frijola.

Deus guarde a V. A. por muitos annos. Villadran 26 de Setembro de 1872.

Saballs.

A respeito do combate de Castell ainda não ha exactos pormenores; porém a dar credito a algumas correspondencias, a lucta foi porfiada; e depois de seis horas de fuzilaria, os carlistas levaram de vencida os amadeistas, deixando-lhes morto o tenente-coronel do regimento da America, D. Thomas Arrad. São muitos os feridos d'esta columna; entre elles contam-se muitos officiaes. Da parte dos carlistas houve, segundo dizem, um unico official ferido, que era ajudante de Castell.

Em recompensa dos seus trabalhos e pericia militar o heroe de Vidrá, Tornelló, S. Luirico, la Sella etc. receberam da Junta Suprema do Principado que representa o povo Catalão, uma brilhante e magnifica espada, cujos copos são de marfim e ouro e a guarda vae unir-se na bocca de um leão.

No cimo da bainha lê-se esta inscripção: «A Junta Central da Catalunha, ao brigadeiro do exercito de Carlos VII, D. Francisco Saballs;» no meio da bainha e em guarnições d'ouro o seguinte: «Vidrá, Tornelló, S. Luirico, la Sella, etc. acções furiosas nas quaes o successor de Cabrera ha mostrado o seu valor guerreiro e intelligencia militar superiores aos innumeraveis chefes amadeistas que com tanto afan o perseguem.» Na a espada, vê-se o escudo de Hispanha, ancoras e mil symbolos de fidelidade, coragem etc. Está avaliada, dizem, em 160 duros. Tambem lhe foi offerecida por uma senhora, tão formosa como carlista, uma faixa de brigadeiro, bonita e de muito valor. A pedido de alguns amigos, Saballs retratou-se com o seu estado maior, dizendo na occasião em que se tirava a photographia: «Se o inimigo soubesse que nós, tão tranquillos, estavamos tirando o nosso retrato, que inveja teriam! a esta hora está elle conduzindo os feridos para Gerona.»

Diz a «Esperanza» que Castells e Saballs foram promovidos aos empregos de tenente-general e marechal de campo. Tambem, diz o mesmo periodico legitimista que D. Margarida na sua viagem a Londres fóra com a mira de conferenciar com D. Ramon Cabrera, visto que a isso a aconselhara o conde de Chambord, duque de Modena e Villadorias.

A «Tertulia» orgão de Ruiz Zorrilla publica uma carta do seu correspondente de Pariz onde são accusados o embaixador Ollozaga e o governo francez, de protegerem D. Carlos, fomentando a guerra civil em Hispanha. Entre as accusações de

que fazem cargo Thiers é de este aviso do D. Carlos quando se vae dar busca a alguma casa ou propriedade legitimista. Eis aqui o que elle diz de M. Thiers.

«Não é isto só. M. Thiers protege D. Carlos e os carlistas, para d'este modo, captar a amizade dos legitimistas que são seus temiveis adversarios na Assembleia e que o podem lançar fóra da presidencia. Cria inimigos ao rei Amadeu, deixando entrar pelas fronteiras, armas e apetrechos de guerra, e fomenta a discordia nos paizes visinhos para não serem fortes e perigosos á França.»

E' tão grave a noticia, que a «Esperanza» limita-se a dizer que a sua gravidade sobe tanto de ponto que ella foi dita por um jornal ministerial.

E já que estamos fallando da França, diremos que nada ha a registrar senão a prisão de E. About pelos prussianos por causa, dizem, de elle fallar, n'um casino, contra a annexação das duas provincias; porém já foi solto. Os jornaes francezes continuam a desconfiar da politica Bismarkiana perante os imperadores do norte. Celebrar-se-ha em França um congresso do ensino catholico, o qual terá por fim pôr um dique á corrupção que lavra nos outros estabelecimentos d'este genero. Na Hispanha celebrar-se-ha outro de igual fim. Em Italia estabeleceu-se o pensionado de Pisa, á frente do qual ficou o R. P. Cursi, mas para o qual, a canalha italiana ainda o não deixou ir.

M. Gassner chefe do partido catholico conseguiu formar o novo ministério, ficando elle presidente do gabinete e ministro dos estrangeiros.

Quem sabe se a Baviera será aquella pedra despegada, e sem mãos, da montanha, que no dizer do grande Pio IX, hade desfazer o colosso?

Os soberanos dos tres estados aos quaes Guilherme deve a coroa imperial, Baviera, Saxonia, e Wurtemberg, não compareceram na entrevista de Berlin; quem nos diz que isto não é já um elemento bem forte que póde minar pela base o throno germanico?

Pio IX lá está no Vaticano, recebendo, por dia, milhares e milhares de demonstrações de affecto e dedicação dos catholicos.

No dia 8 do corrente recebeu na sala Ducal mais de 2:000 pessoas da classe media, as quaes foram protestar a sua adhesão á cathedra de Pedro.

E' o reino da verdade e da justiça em pé e no meio do reinado da iniquidade.

Terminamos a revista d'hoje, offerecendo aos nossos leitores a

Proclamação de Saballs aos povos da Catalunha.

O invicto general Saballs dirigiu aos povos da provincia de Gerona a seguinte proclamação:

Geroneses: Com profunda admiração acabo de saber que o governo revolucionario, traidor cem vezes e cem vezes, despenhando-se allucinações no abysmo, ancioso por destruir a sua obra destruidora, concebeu o unico projecto de converter o paciente e sempre leal e fiel povo da Catalunha em miseravel instrumento de profanação, obrigando-o a acabar de uma vez para sempre com a derradeira esperanza que lhes sobrava, sepultando no olvido as venerandas instituições e as leis santas que, em dias mais venturosos, deram á patria immortal do insigne Pelayo o senhorio do mundo inteiro. Quando a mais depravada demagogia estrangeira substituiu a gloriosa e paternal monarchia hispanhola, quando a liberdade de cultos quebrou os vinculos beneficos e tradicionaes da unidade catholica, e a desamortisação e substituiu o direito de propriedade e o matrimonio civil, quebrantou a santidade da familia, e a Internacional e o communismo, o roubo e o assassinato, como aspirações legitimas, descarregaram um golpe mortal sobre a sociedade inteira; o Rei legitimo de Hispanha, derramando copiosas lagrimas sobre o montão de ruínas, chamou todos os hispanhoes para que, acobertados sob a bandeira salvadora do direito e da justiça, levantem juntos e a um tempo a desgraçada Hispanha, hontem grande, poderosa e nobre nos braços da monarchia tradicional, e hoje ridicula caricatura entregue aos excessos do liberalismo.

Não foi de balde que o pae fallou a seus filhos, e quando estes se preparam para salvar a patria, e se batem nos campos da batalha, e se dispõem todos a sacudir o ominoso jugo da dominação estrangeira, e uma auctoridade usurpadora, imbecil e sem prestigio, tem a pretensão ridicula de constituir em inconscientes verdugos de si proprios os que elegeram para victimas expiatorias, o intitulado capitão general da Catalunha resolveu levantar contra os honrados hispanhoes um somaten general constituído pelos proprios filhos da Hispanha.

Bem sabeis, cidadãos, por uma experiencia bem viste de muitos annos, o que valem e quanto por si podem dar as promessas da revolução, e a meta a que tendem todos os seus esforços: o proveito

egoista de poucos, a desgraça dos demais e a deshonra de todos. O liberalismo em todos os aspectos e sob todas as fórmulas e em todos os tempos, não tem feito senão converter em leis do Estado uma série de utopias e iniquidades, que são o mal constante da sociedade na ordem politica, religiosa e economica.

Habitantes da provincia de Gerona: chama-vos o vosso legitimo Rei, chama-vos a patria, sequiosos de honra e de justiça: tambem vos chama um estrangeiro e os que só querem negociar com a vossa honra e com o vosso sangue: escolhei.

Espera-vos a todos o vosso commandante em chefe, porque certo está de que todos sois hispanhoes; porém ai do temerario que faltar ao seu dever! ai do cego que cerrando ouvidos á voz da justiça e ás necessidades da Patria, virar contra ella as suas armas.

Vosso commandante general

Saballs.

Sallera de Anglés, 13 de setembro de 1872.

SECÇÃO NOTICIOSA

Preces e procissão de penitencia. — O Definitorio da Ordem 3.ª d'esta cidade resolveu mandar fazer na sua egreja preces publicas nos dias 25, 26, e 27, pelas 6 horas da manhã, saindo n'este ultimo dia pelas 6 horas da tarde a procissão de penitencia, com a Imagem do Bom Jesus das Chagas.

Incommodo de saude. — Tem passado gravemente incommodado, em Guimarães, o abalado e distinctissimo jurisconsulto o exm.º snr. doutor Bento Antonio d'Oliveira Cardozo. Dezejamos a tão illustre enfermo prompto restabelecimento.

Palavras de Pio IX. — Do jornal «Verdade» extraímos o seguinte:

«Duas mil pessoas pertencentes á classe media, que formam uma parte da associação da Immaculada Conceição rodeavam o Santo Padre no dia 8 do corrente, na espaçosa sala Ducal. O sr. Campo leu uma mensagem dirigida ao Summo Pontifice, na qual manifestava a grande esperanza, que os fieis romanos nutriam no triumpho e exaltação da Igreja e do seu Pontifice.

Pio IX respondeu a estas filiaes expressões com um sabio e paternal discurso.

Não nos permite a escacez da nossa folha inserir-o por inteiro, como dezejariamos; entretanto transcrevemos os paragrafos que nos pareceram de maior interesse.

Depois de manifestar a belleza do sentimento da associação que é a perseverança na oração, e de recomendar que esta não deve ser apenas particular, mas publica e permanente exclama:

«Os escribas e os phariseus não julgavam que fosse permitido curar um enfermo no dia de sabbado; pelo que n'outra occasião dizia o chefe da Synagoga ao Salvador: Tens seis dias da semana para trabalhar; no sabbado é prohibido o trabalho.

Como se fóra uma acção má fazer um milagre! Com muita razão lhes respondeu Nosso Senhor: Raça de viboras! Quando um cavallo cae n'um despenhadeiro, duvidas por ventura tiral-o d'ali e cural-o? E porque? Porque n'elle está o vosso ganho, e ha n'elle um interesse material. E quereis eu deixe d'obrar milagres em dia de sabbado, para me curar á vossa hyppocrisia?

Oh! e quantos hydropicos ha tambem nos nossos dias, que precisam ser curados! Hydropicos da vaidade e do orgulho; hydropicos da escravidão e da perversidade.

A soberba e a avareza são as principaes raizes de todos os males, que vexam o mundo. São a raiz e o tronco, e são os primeiros males que affligem a sociedade. A sociedade actual está opprimida pelo duplo mal da soberba e da avareza, e o que ainda é peor, é que como a Nosso Senhor se não permite curar os enfermos no dia de sabbado; a sociedade moderna não quer tolerar a corrupção que ha-de cural-a da hydropesia.

Hydropesia é o roubo, a usurpação dos bens da Igreja, e os roubos que todos os dias nos descrevem as folhas jornalisticas. Hyppocritas!

Não quereis applicar o remedio a tantos males, quando não ha para elles outro remedio a não ser a religião. O mundo combate o espirito e dirige-se unicamente a obter as vantagens materiaes. Se não cumprir as praticas da religião, e se não tiver outro progresso, que não seja o da rapina e do roubo, Deus não perdoará a essa nação cujo nome está escripto (oh! espere-mos que assim não seja!) no livro do anathema e da condemnação eterna.

A sociedade reduzida a esta grande miseria deposita a sua esperanza em não sei que areopago reunido agora. Este porém é todo mundano, muito mundano, e pelo menos um dos areopagistas é anti-catholico e inimigo descoberto do catholicismo.

Se a Deus agradar, em seu infinito poder fazer o mesmo que fez ha muitos se-

culos, isto é, se este areopagita em vez de fallar contra a Religião catholica, fizer o mesmo que Balaão, que mandado a fallar contra o povo de Deus, se viu obrigado, quando lá chegou, a elogiá-lo e bendizê-lo, oh! então bendizemos tambem nós ao Senhor Deus, pois n'esse momento veriamos cessar a oppressão á Igreja.»

E' assim como deviam ser todos os bispos. — E' notavel a carta que o bispo de Tarrazona mandou em resposta ao ministro do duque d'Aosta, Rio Rosas O «Universo» diz, com razão, que esta carta não agrada aos liberastas de Paris e de Madrid; e nós diremos com a «Correspondance de Genève» nem aos liberaes de todo o mundo. Eil-a:

Excellentissimo Senhor

Não fiquei surprehendido, mas sim com o coração amargurado, quando, hontem, recebi a communicação de Vossa Excellencia pela qual era obrigado a proceder canonicamente contra D. Victoriano Frances, D. Simão Gomez, D. Domingos Mecialdes, sacerdotes da minha diocese, fóra de suas residences, os quaes, segundo o que dizes se incorporaram com os facciosos. Obrigaes-me, além d'isso, a avisar-vos da execução das vossas ordens e a relatar-vos os interrogatorios e sentenças que eu pronunciar.

«Prestar-me a esta nova exigencia de Vossa Excellencia, seria degradar-me e aviltar a minha dignidade de bispo. Por que nas cousas religiosas, não reconheço no governo nem em nenhuma auctoridade poder de se ingerir em cousa alguma que lhe diga respeito. Se respondo é unicamente por mera delicadeza, simples cortezia e nada mais.

O santo Concilio de Trento sabiamente estabeleceu as regras que os bispos devem observar quando tenham a proceder contra os padres que residem fóra de suas prebendas e beneficos. Por conseguinte é desnecessario Vossa excellencia dirigir-se aos bispos por causa d'isso.

Por essa razão declaro que não posso conformar-me com as vossas ordens, as quaes eu considero como attentados não só á liberdade e independencia da Igreja, mas aos direitos proprios e exclusivos da auctoridade episcopal.

O bispo conhece os seus deveres, e conhecendo-os elle os cumprirá prudentemente, e segundo o espirito dos veneraveis Padres do Concilio do Vaticano, sem que sejam precisas excitações, instigações do poder civil ou lições suas em materias ecclesiasticas.

Além d'estas considerações de que eu me não julgo dispensado fazel-as, se eu cegamente obedecesse, não resultaria d'aqui senão excessos abusos e injustiças; porque no caso de que se tracta, acontece D. Victorino Francisco não abandonou a sua residencia; D. Domingos Mecialdes deixou o seu beneficio, e D. Simão Gomez não reside na parochia. É verdade, mas por motivos alheios á sua vontade.

« Deus vos conceda longos annos.

« Cosme, bispo de Tarrazona ».

O bispo de Tarrazona é um digno competidor do bispo d'Emeland. São estas rochas, onde batem as ondas da tempestade revolucionaria, mas a quem não destroem, as columnas da Igreja cujo alicerce é — Pedra — pedra fundamental. Oh! se assim fossem todos os bispos a época da lucta tinha terminado, e aproximado, senão realiado, a época do triumpho! Bello exemplo para os que, na phrase do Evangelho, são cães mudos!

Que acto de fraqueza e cobardia!

— O sr. de Bismark dirigiu uma nota ao gabinete hollandez, escripta em termos quasi ameaçadores acerca da hospitalidade que offerecia aos Jesuitas expulsos da Alemanha.

O governo apressou-se a responder ao chancelier, e prohibiu á nobreza hollandez, que desse hospitalidade aos membros daquelle corporação religiosa.

Esta complacencia servil é indigna de um governo que presá a propria dignidade e a da sua nação.

Eis aqui a religião da senhora

de Jules Simon, ministro dos cultos em França. — O «Univers» de 12 do corrente conta o seguinte facto que o nosso excellento correligionario de Lisboa, o «Correio da Tarde» qualifica de Auto de fé a um crucifixo pela democracia pura.

«Temos tido occasião de fallar muitas vezes das acções e feitos da senhora Jules Simon, digna mulher do ministro 606 (da Communa).

«Ahi vae uma aventura mais horrivel que as outras, de que ella é a heroína, e que não era conhecida até hoje.

«O sr. Bouscatel, no seu livro sobre o 4 de setembro, conta n'estes termos esta abominavel scena:

«Um dia, diz elle, durante o cerco a mulher do ministro, pelo braço de Milliére — pelo braço de Milliére — foi a uma es-

chola das Irmãs do XI.º districto de que era parchoa o Ablade Chevojon. Durante a sua inspecção, a mulher do ministro dirigiu-se a uma Irmã, a qual se queixou do frio, que soffriam as creanças por falta de lenha.

«Então a mulher do ministro dos cultos, vendo um Crucifixo pendurado na parede, um Crucifixo de pau, que pezaria meio kilogramma, disse com voz clara:

« — Vós não tendes lenha; tomae isto!

«E o isto em que ella pegou, (a imagem de Christo! foi cortado e lançado no fogo!...

Sociedade dos Livres-Cafões.

— A «Nação» dá a seguinte noticia de uma nova seita, phalange de garibaldinos:

«Cafone no dialecto napolitano vale o mesmo que em portuguez labrego, broeiro ou billre.

Os socios crescem continuamente em numero, se não mente La Capitale de Roma, que é a folha official da Cafoneria, ou como cá se deve chamar, da Labregada.

O solitario de Caprera, maior dos labregos, traçou o programma dos Comicios que elles presumem celebrar no Colyseu com grande alardo; os fins a que devem tender são: 1.º o exercito seja engrossado até contar dois milhões de combatentes; 2.º a armada seja dobrada em numero e força de navios couraçados; 3.º decidam-se os destinos da Italia pelo suffragio universal. Na mesma carta o Grande-Cafone (ou grande labrego) das lanchas de Niza) insinua claramente que o ultimo fito dos taes Comicios hade ser preparar tudo para o triumpho do socialismo, dando «alim a liberdade verdadeira ao servo desherdado» e desfazer-se do governo monarchico e de certos pequenos Cains. Qualquer n'esta expressão vê designados os ministros responsaveis. Se es'a obra, que tem muito de comica, fór séria e efficaz, lindas scenas havi-mos de contemplar na imprensa liberal monarchica.

O heroe dos dois mundos hade ver-se enlameado pelas mãos que já lhe queimaram incensos, quando se collocavam a par os retratos de Garibaldi e Victor Manuel».

COMMUNICADOS

A's tuas mãos passo estas letras, não só para te agradecer cordalmente a admissão do meu humilde escripto nas columnas do teu hem elaborado jornal, mas tambem para te certificar de que pódes contar commigo, com quanto a meu alcance esteja, embora mui pouco seja; porque me negou Deus esses talentos que eu tive o gosto de admirar em ti,—quando companheiros fomos nas mesmas lides escolhares, e cujos vóos me não era dado alcançar. São somente essas intelligencias feracissimas e privilegiadas; essas consciencias purissimas as que podem e devem servir de pharões e de luzeiros ao mundo.

N'um seculo de tanta corrupção em que tudo parece declinar para um abysmo medonho, e n'esta conjunção em que a ambição e o orgulho do seculo se esforçam contra as mais pias crenças; não póde de modo algum, o homem que foi embalado no berço da innocencia, e á sombra da Cruz da verdadeira arvore da Redempção, não póde digo eu, ser surdo aos dictames da propria consciencia, nem ao que lhe impõe o dever.

E que vemos nós n'este periodo de desventras e de reviramentos sociaes, n'esta fermentação geral, em que tudo se guerra e combate, até as mais pias crenças?!

N'esta epocha em que tudo são revoluções e conquistas; no meio de perennes ebullições de liberalismo, é caminhar só materialmente, progredir, inventar e viver no indifferentismo.

E' este o grito que está resoando para tudo, e para todos os povos do Universo.

Grito fatidico duas vezes, e malfadado outras duas, que nos deve fazer acordar de tamanha somnolencia, e fazer com que as nossas miragens, sejam como as do habill piloto que atravessando os encapellados mares, leva as vistas cravadas nos astros. Por isso não basta só que exista o evangelho com os seus preceitos luminosos, é preciso observal-o; nem que a moral tenha regras, é preciso cumpril-as, porque ultrapassal-as é um crime.

E que nos manda o Evangelho? Videle, vigilate el orate, (S. Marcos cap. 13 v. 33.

Vede, velaç e orae. Velaç sim, para saberdes a cada momento em que ponto se acha a batalha.

Aprove a Deus obrigar-nos ao combate, devemos ser fieis a tão ardua missão.

Combater por accender nas almas o archote vivo da fé, que adormecido na indifferença, o deixam apagar, e por arrancar de todas, e todos os dias os erros que nascem como outros tantos abutres, e applicar-lhes o remedio efficaz e dulcissimo; é n'isto a meu vêr, meu predilecto

amigo, que todo o fiel christão, deve em-
pregar todo o esforço, por abater com co-
ragem e resignação, essa barreira que se
está erguendo, cerrada, temerosa e im-
placavel.

Será ella uma das batalhas mais cruas,
e a mais sangrenta, que se esteja tra-
vando contra o Christianismo, quem
sabe?!

As armas que o Evangelho nos forne-
ce, são a boa fé, a caridade, e, a espe-
rança filhas do céu.

São as unicas da religião a mais san-
ta; e a unica a verdadeira; porque não
teem, nem póde ter comparação com as
mais.

O Evangelho do Christianismo teve
por fundadores, homens d'uma sciencia a
mais vasta; pelo Espirito da sabedoria
inspirada, da sabedoria Divina.

Finalmente homens d'uma virtude a
mais solida e a mais sublime: emquanto
que todas as seitas, são sómente fructo
da ignorancia a mais crassa, da impos-
tura a mais hedionda, e das paixões as
mais execrandas; cujos authores cegos e
desvaireados, incredulos e impios, teem
deixado d'existir, sem contudo conseguirem
abater nem a mais pequenina pedra do
pasmoso edificio da religião christã, dei-
xando apenas após de si um nome extinc-
to e quasi apagado.

E que diferentes não são os homens
do Christianismo! Seus nomes, vivem e
viverão eternamente no seio de Deus; por-
que estes transmittiram á posteridade, a
fé e a caridade; e aquelles, os erros, os
vicios e os crimes. E, fatalmente, eis o
que vemos hoje, ainda a par d'alguns sen-
timentos humanitarios, levantarem-se e sur-
girem muitos eccos acordes d'um indiffe-
rentismo que nos devora.

Enfatuados, e orgulhosos, parece-me es-
tar ouvindo dizer a esses philosophos da
propaganda, interneidos com seus presu-
midos pensamentos: «não quero pôr diques
ás paixões.

Quero, sim, só, a indiferencia, para
reinar, para destruir; e a liberdade para
estabelecer a marcha e a escravidão.»

O orgulho humano!..
Qual és tu mais, estúpido ou feroz?!

Deixa isso que te está cavando a tua
ruína, e te arrasta a um abysmo insonda-
vel de perdição!..

Não prescindas nunca de Deus, olha
que é Soberano.
E' um juiz integerrimo e inexoravel
que te hade julgar um dia. Por isso não
ponhas na razão occulto, nem faças con-
sistir a vã esperança d'um futuro brillan-
te no sopro ardente d'essa guerra dexter-
minio; e que dizes se te afigura ouvil-
a já trour ali perto! Olha para a historia
dos teus! E se queres caminhar assim,
eu te assevero, que é caminhar para a
ruína da sociedade, para a tua propria
ruína.

Corre, sim enquanto é tempo a de-
pôr a oblata offerenda nas sacrosantas
aras da verdadeira liberdade, e da summa
civilisação sem d'essa liberdade, e d'essa
civilisação sem igual que raiou da luz
evangelica, e d'aquelle clarão brilhante do
Christianismo; cujos raios se destacaram
das hastas d'uma Cruz, d'aquelle effluvio
de caridade moderna, nascida do sacrificio
do Homem Deus, que raiou espontanea,
e a que depois reflectiu mais tarde da
palavra evangelica de S. Paulo, para na
creação de muitos seculos regenerar o mun-
do depois de ter transformado o homem.

O mundo, hoje esquecido, de que ti-
vera a origem da sua redempção na raiz
da Cruz, e embriagado sómente com obras
primas da arte, parece delirar em seus
devaneios; e dizer de voz em grita, tudo
está em mim, e fóra de mim não ha
nada!..

Sou eu que mando acalmar os ventos,
impero aos mares que colleam em serra-
nias de vagas; na mão conservo as redeas
do Universo, ás nações invasoras ponho
diques; e a Christo, e ao seu legitimo
representante cá na terra, faço uma guer-
ra d'exterminio, horrorosa e implacavel!

O' homens! O' nações orgulhosas! Se
é que tendes, todos estes poderes, para
que vos dilaceraes? O' imperios gigantes,
que ainda hontem, davéis leis ao mundo;
pergunto ainda com todos estes poderes
para que vos destruis, e anniquilaeis até?!

Mas em vão esloreja contra o braço
divino que move tudo occultamente.

O imperio sem igual tambem caiu aos
repetidos golpes dos Barbaros, e assim se
verificaram n'elle os vaticinios de Daniel.

E quem sabe se sobre algumas nações
da Europa, haverá poucos mezes ou dias
que se tenham entoado as mesmas elegias
tremendas!

O' nações que presaes o nome de cat-
olicas deixae de vos gladiar: enfraei antes
as paixões, deponde as ambições e os er-
ros, acolhei-vos á sombra d'aquelles pen-
dões do Christianismo, á sombra d'esta
arvore frondosa, que com seus espaçosos
ramos cobre toda a cristandade; porque
é a unica que produz pomos os mais deli-
ciosos, que formam e compõem os bons
costumes, a—unica que só póde dar fru-
tos d' paz e de ventura;—a unica que
póde dar a felicidade ás nações e aos po-
vos; a que só póde dar aos soberanos a

estabilidade de seus thronos e de seus im-
perios, e aos subditos a verdadeira liber-
dade; a força as leis, e a independencia
a justiça,—e as leis e a justiça, á som-
bra do Evangelho,—são as que sustentam
o estado;—sustentam finalmente aquillo
que ha de mais sagrado e respeitoso so-
bre a face da terra, como são os direitos
d'um povo e o decoro d'uma nação. Por
isso não se póde soffrer de bom grado,
que a Barbarie—que n'ontro tempo to-
mava o nome d'ignorancia, hoje d'indiffe-
rença e impiedade, trate de lançar mão
do que ha de mais revoltante, e nos este-
ja conduzindo para uma tão desgraçada
mina, pelos esforços sacrilegos d'uma tal
indifferencia, tão peçonhenta que está mi-
nando o seio maternal de quem a gerou
e de quem a sustenta.

E' verdade que não receamos a luta
das trevas contra a luz, nem que o Evan-
gelho possa morrer, só o que não que-
riamos, eram, nem mais lagrimas, nem
mais sangue, nem mais fios cortados para
os que tenham de gladiar-se no campo do
combate.

As leis dão-nos a certeza do nosso
bem estar, e fazem que se responda sem
replica aos argumentos dos sophistas re-
volucionarios; é por isso que com ellas
se estabelece a indole d'um povo, e a
sua boa educação, o que não póde exis-
tir sem a pratica dos deveres religiosos, e
registar estes, e acceptar aquella lingua-
gem fatal, aquellas palavras terriveis—*Li-
berdade, fraternidade, equaldade*—que são
uma traducção fiel da desordem, da con-
fusão, da anarchia e mina da sociedade;
porque não ha simplicidade, nem verdade
nos systemas, nem uma inteira conformi-
dade das theorias com as praticas, nem
das doutrinas com os factos. E senão ve-
jamos.

Quem concorrerá mais para o total
aperfeiçoamento do homem?

O crente ponho diques ás suas paixões
desnorteadas pelo transtorno, que soffreu
na sua organização, reprimindo sua ten-
dencia para o mal, e reforçando sua fra-
queza com a oração nos labios e o cruci-
fixo nas mãos, evangelizando a todos,
no meio d'uma profunda humildade, e dan-
do gloria a Deus, ou o impio descrente,
fascinado pelo seu orgulho, e deslumbrado
pela luxuosa vaidade d'este mundo en-
ganador! E alargando as raias do seu deli-
rio, onde as mesmas paixões combatem?!

Essas paixões formidaveis auxiliares do or-
gulho; essa hydra de mil cabeças, que
dilacera o coração do homem, e faz por
zombar de tudo, e de todos, ate empun-
har em suas sceleradas mãos, o facho
para o incendio, e o punhal para a ty-
rannia e para a escravidão, transformando
essa lamina hervada, brandida pelas sceler-
adas mãos do assassino em sceptro de
liberdade!.. Eis ahí porque o descrente
ou o atheo, podem fornecer elementos bas-
tante poderosos; para essa grande destrui-
ção; quando chegue a comparar a robuz-
tez da sua intelligencia com o estado ac-
tual das coisas, e então se julgue assaz
poderoso para espalhar a cizania.

Voltaire dizia em seus diabolicos pen-
samentos: «veja que das minhas semen-
ças se hade originar uma grande revo-
lução, que necessariamente tem de reben-
tar no porvir; tenho pena não a poder
presenciar. Feliz mocidade, que lá no
futuro hade ver coisas espantosas.»

E' verdade, assim foi! E assim devia
se! Porque essa mocidade deixou-se
adormecer nos braços da indifferencia e
da impiedade para depois acordar mais tar-
de nos da desesperação.

Ella, tentou esquecer-se de todas as
crenças e até dos nossos tres primeiros
deveres; que veem a ser: ver, velar e
orar.

N'isto esqueceu-se tambem de Deus,
porque é Soberano, e foi ajoelhar aos pés
da prostituta porque é devassa, e logo
começou, a caminhar para o abysmo e
para a morte.

Contestemos a indifferencia, porque es-
traga e arruina as familias; porque des-
murchou os imperios; porque faz verter
lagrimas aos que choram, e aos que são
magoados na consciencia pelo terrivel gladi-
o da verdade.

Escorado pois, n'aquelle parábola evan-
gelica, que ainda não vae ha muito, tu
me citas-te, á beira das enfeitadoras
margens d'este esquecido Lethes: Sou for-
çado a dizer-te, que trabalhemos, e tra-
balhemos a pró do Christianismo; e não
descansemos nunca, enquanto não tiver-
mos conquistado o direito, a eternidade,
a mansão dos justos.

Predilecto amigo, desculpa o ter me
apartado um pouco do meu proposito, e
tambem esta minha prolixidade.

Sou teu, etc.
D'aquem do rio Lethes,
F. A. F.

EXPEDIENTE

Aos snrs. assignantes em divi-
da pedimos o obsequio de manda-

rem satisfazer a importancia das
suas assignaturas, com a possivel
brevidade. O atraso em que muitos
estam tem-nos causado damnos
bastante graves e é por isso que
fazemos este pedido

Estão authorisados para rece-
ber o importe das assignaturas
os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A.
no escriptorio do jornal a Na-
ção, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º snr.
Anselmo Maria Urbano de Sampaio,
rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Car-
los das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o illm.º snr. Luiz
Antonio de Carvalho.

Em Vianna, o illm.º snr. Luiz
Francisco Pereira, rua da Pico-
ta.

Em Lamego, o illm. snr. José
Cardoso, com loja de livros na
rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'ou-
tras terras onde não temos cor-
respondentes, pedimos o favor
de nos remetterem o importe
de suas assignaturas em sellos
de 25 reis, ou em valles do
correio ao administrador d'este
jornal o snr. Joaquim José Viei-
ra da Rocha, rua do Soulo n.º 41.

AGRADECIMENTO

João Marcos d'Araujo Ribeiro, e suas
irmãs D. Maria Magdalena Ribeiro d'Araujo
e D. Josefa Roza Ribeiro d'Araujo, não
lhes sendo possivel ir pessoalmente, como
desejavam, agradecer a todas as pessoas
que se dignaram cumprimental-os por ocasião
da morte de sua extremosa e sempre
chorada mãe D. Gertrudes Umbelina Pei-
ra d'Araujo, e aos srs. capellão e corei-
ros da Misericordia, e mais ecclesiasticos
que assistiram ao seu officio funebre e ce-
lebraram missa por sua alma, o fazem por
este meio, protestando-lhes sua eterna gra-
tidão.

Antonio Augusto da Cruz Braga, Jozefa
Rodrigues Serzedello e Luiza Maria d'As-
sumpção Augusta da Cruz Braga, não po-
dendo agradecer pessoalmente, a todas as
pessoas que se dignaram cumprimental-
por occasião do fallecimento de sua chorosa
filha e sobrinha Maria Adelaide Augu-
sta Cruz Braga, o fazem por este meio, pro-
testando a todos sua eterna gratidão.

Manoel Monteiro e Maria do Carmo,
penhorados em extremo pelos cumprimen-
tos que receberam por occasião do falle-
cimento da exc.ª snr.ª D. Maria do Carmo,
e dos favores offerecidos por muitas
pessoas seculares, e pelos serviços que lhes
prestaram tantos ecclesiasticos dignos d'este
nome, agradecem por este meio, visto
o não podem fazer pessoalmente, a todos,
protestando a cada um, eterno reconhe-
cimento e gratidão.

ANNUNCIOS

Para um novo jornal de Lisboa preci-
sam-se correspondentes em todas as ter-
ras. Carta a C. L. Escriptorio na Calçada
do Duque n.º 14—1.º andar Lisboa.

Domingos José Gomes, negociante na
rua de S. Vicente, n.º 72 d'esta cidade,
e Caetano José Ferreira, na do Porto rua
de D. Pedro, n.º 117, estão encarregados
de receber propostas de quem quizer com-
prar, na rua de S. Lazaro a casa n.º 51,
que foi de D. Joaquina Luiza da Fonse-
ca, e preferirão a que mais vantajosa se
offerecer.



COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR
DO PACIFICO
Paquetes a sair de Lisboa em di-
reitura ao Rio de Janeiro.
LUSYTANIA a 4 de Junho—CUZCO a
19 de Junho—MAGELAN a 3 de Julho.
Para tratar na rua da Boa Vista n.º 1
em Braga. (71)

Corografia portugueza, pelo P.º Antonio
Carvalho da Costa, segunda edição. Vende-
se n'esta cidade na Livraria Catholica, e na
casa do editor, Manoel Joaquim de Castro
Loureiro.

Theouro Mystico, pelo padre mis-
sionario João Manoel de Souza Teixeira.
Vende-se na Livraria Catholica por
240.

AGENCIA EM MACAU

Carlos José Caldeira Junior,
tem escriptorio e casa de commercio n'a-
quella cidade, na rua Central n.º 28.

Incumbe-se da compra e venda de ge-
neros, por modica commissão, e de quaes-
quer negocios judiciaes ou nas repartições
publicas.

Quem desejar mais alguns esclarecimen-
tos pode dirigir-se a seu pae Carlos José
Caldeira, residente em Lisboa, estrada de
Chellas 63, ou procural-o na livraria La-
vado, rua Augusta n.º 95, na mesma ci-
dade.

BRADOS D'ALMA

Collecção de diversos escriptos sobre assum-
ptos de religião, philosophia e litteratura

por
CUSTODIO VELLOSO

Preço..... 500 réis
(Pagos no acto da entrega)

Assigna-se na redacção d'este jornal.

Sermão celebrando o faustissimo dia do
XXVI anniversario da gloriosa coroação
de N. S. S. Padre Pio IX, o Grande,
pregado na parochial egreja de Nossa Se-
nhora dos Mortyres em Lisboa, pelo padre
Joaquim da Silva Serrano Prior de
Bellas.

Vende-se n'esta cidade na Livraria
Catholica por 100 rs., e 105 sendo re-
mettido pelo correio.

NOVO PAROCHO

INSTRUIDO
NAS MATERIAS MORAES

PARA O EXAME SYNODAL,

Indispensavel a todos os Parochos, e
Confessores, illustrado com o Direito Mu-
nicipal nas partes competentes, e dirigi-
do por seu Author para utilidade do Cle-
ro Bracarense.

Obra posthuma do P. Fr. Serafim da
Conceição.

Vende-se em casa do sr. Francisco
Manoel Gonçalves, rua Nova n.º 10.

2 vol. 500 rs.

O MANTO DO GIGANTA

TRADIÇÕES DO ORIENTE

por
J. Peres Escrich

TRADUZIDA
por
Antonio Moreira Bello.

Preço 1\$200

Esta obra é a mais bella e esplendida
da litteratura christã até hoje publicada,
elogiada por toda a imprensa do paiz.

Vende-se na Livraria Catholica
cidade.

Os Fidalgos do Coração de Ouro

Romance
por
Manoel Pereira Lobato

4.º e ultimo vol.

Vende-se nas livrarias Catholica, rua
do Souto, e Chardron, Largo de S. Fran-
cisco.

Preço de cada vol. 200 rs.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Livros emsegunda mão á venda na
Livraria Catholica, Rua do Sou-
to e na Livraria d'Eugenio Char-
dron, Largo dos Terceiros—Pra-
ga.

Antoine (G.) — Compendium Theologiae
moralis universae, 1802. 2 vol. enc. 500

Beltrão (J. D.) — Breve tratado da
actual disciplina da Egreja Lusita-
na, 1817. 1 vol. 4.º 300

Benedicti XIX (S. D. N.) — Constitu-
tiones selectae, nec non bullae, de-
creta, epistolae, etc. Parochis,
confessoris etc, 1784. 2 vol. 4.º
gr. enc. n.ºm. 720

Benedicti XIX (Pastoral de N. SS.
Padre), de gloriosa memoria, si-
endo cardeal arzbispo de la Santa
Iglesia de Bulonica, e instruccio-
nes ecclesiasticas para su diocesi;
traducidas del toscano por el R.
P. Fr. Facundo Raulin, 1775, 2
vol. 4.º enc. 800

Benedicti XIX (S. D. N.) — De sy-

noso diocesana, 1775. 2. 4.º gr.
enc. 800

Bergher — Dictionaire de theologie
morale, édition augmentée du plan
de la théologie, 1838. 4 vol. 4.º
enc. 2:400

Beñardi. (C. S.) — Decretalium pro-
fessoris commentaria in jus eccle-
siasticum universum, 1789. 2 vol.
4.º gr. enc. 800

Cavallario — Institutionis juris cano-
nici, ac. sex tomos distributae.
1796. 6 vol. 4.º enc. 12:000

Defensor (O) da religião -- em pale-
stras religiosas, em socorro dos
R. R. Parochos, com homilias pa-
ra todos os domingos, em disputa
com incredulos, motivo e orige-
m d'estas disputas. Catecismo
Catholico pelo Defensor da religião,
1837-1840 14 vol. 4.º enc. em
7 vol. 2:500

Garrett — A dolorosa paixão de Nos-
so Senhor Jesus Christo segundo
as meditações de C. A. Emmench,
1842. 1 vol. 4.º enc. 400

Gomes (V.) - A biblia da natureza
ou a religião Catholica demonstra-
da pela natureza e razão, 1836.
1 vol. 4.º 300

Le Febvre — A unica religião verda-
deira demonstrada contra os atheos,
deístas, e todos os sectarios. Trad.
por Angelo dos Santos, 1781. 1
vol. 8.º enc. 230

Pape (Du) — par l'auteur des consi-
derations sur la France, 1819. 2
vol. 4.º enc. 500

Royaumont — Historia Sagrada do ve-
lho e Novo testamento, com ex-
plicações e doutrinas dos SS. Pa-
dres; — trad. por L. P. da Silva ed.
1791. 2 vol. 8.º enc. 400

Salmoet M. Gelabert. — Regula cle-
ri, ex sacris litteris sanctorum pa-
trum monumentis, ecclesiasticis que
sanctionibus excerpta, 1829. 1 vol.
8.º enc. 360

Serafim da Conceição (Fr.) — Novo
confessor instruido na pratica do
confessionario; doutrina extrahi-
da da escriptura, Concilios, santos
Padres etc. 1814. 4 vol. 8.º enc. 800

S. Luiz (A.) — Mestre de ceremonias,
que ensina o rito romano, e serafico
aos religiosos da reformada, e
real provincia da Immaculada
Conceição, 1780. 1 vol. f.º enc. 1:440

Thomaz dos Reis (A.) — Methodo da
liturgia Bracharense em que se
expoem fundamentalmente e com
clareza o modo de celebrar com
a devida perfeição o Sacrosanto
sacrificio da Missa assim rezada,
como cantada etc., 1837. 1 vol.
4.º gr. 500

Villa do Conde Carneiro. (Fr. Franc.)
Dissertação theologica e canonica,
em que se mostra serem devidas
por d'os rentes principios as obla-
ções 1794. 1 vol. 8.º enc. 200

Arax — Cursus theologiae 1734 2.
vol. f.º enc. 1:000

Azeite — Discursos morales en las fi-
las de la Reina del cielo nues-
tra Señora. 1602. 1 vol. f.º enc. 800

Berti — Opus de theologicis discipli-
nis 1760 7 vol. f.º enc. 3:000

Calvet — Prolegomena e dissertationes
sacrae scripturae. 1734 2 vol. f.º
enc. 1:200

Ceremonial — monastico reformado da
congregação de S. Bento de Portu-
gal, 1820 1 vol. f.º enc. 2:000

Conceição. (Mel. da) — Ceremonial
serafico e romano para toda a or-
dem Franciscana, 1730. 2 vol. f.º
enc. 1. 2:000

Constituições synodales do Bispado do
Porto, novamente feitas e orde-
nadas por D. João de Souza, 1690.
1 vol. f.º enc. 1:300

Du Hamel — Biblia sacra, vulgatae edi-
tionis 1748. 2 vol. f.º enc. 2:000

Hugonis de S. Charo Opera omnia
in universum vetus et novum tes-
tamentum 1703. 8 vol. f.º enc. 4:000

Le Blanc — Psalmorum davidicorum
analysis, 1726. 6 vol. f.º enc. 3:000

Noqueira — Expositio Bullae crucia-
tae lusitana, 1716. 1 vol. f.º enc. 600

Reiffenstuel — Theologia moralis bre-
vi. clasaque methodo comprehen-
sa, 1758. 2 vol. f.º enc. 1. 600

Roncaplia — Universa moralis theo-
logia qua non solum principia &
ad usum confessoriorum, 1736. 2
vol. f.º enc. 1. 600

Salmanicensis — Cursus theologiae
moralis, 1734. 6 vol. f.º enc. em
3 vol. 2:400

Thomassino — Vetus et nova ecclesiae
disciplina circa beneficia et be-
neficiarios, 1730. 3 vol. f.º enc. 2:000

Vieira (F.) — Voz evangelica que nos
mudos os caracteres etc. 1708. 1
vol. f.º enc. 1:000

EDITOR
M. J. V. da Rocha.
BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1873